

A MULHER NA LITERATURA PIAUIENSE: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E DOS VESTÍGIOS MEMORIALÍSTICOS NA ESCRITA POÉTICA DE LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ

WOMAN IN PIAUIENSE LITERATURE: ANALYSIS OF IDENTITY CONSTRUCTION AND MEMORIALISTIC TRACES IN THE POETIC WRITING OF LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ

Recebido: 16/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2810

Arissandra Andreia Santos¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3851-0271>

Josenildo Campos Brussio²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

Resumo: Esta investigação traz um estudo sobre a mulher na literatura piauiense com o propósito de ressignificar e resgatar as primeiras manifestações literárias no cenário da literatura de expressão piauiense, dando ênfase à produção poética de Luiza Amália de Queiroz. Para isso, elegeu-se a obra *Flores Incultas* (1875), dando enfoque à construção identitária da mulher, submetida ao restrito contexto do século XIX. Quanto à metodologia, esta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo, visando a possibilidade de construção de sentidos através da interpretação dos poemas analisados. Esse estudo qualitativo toma como base, a análise de conteúdo, técnica empírica de análise dos dados, método apresentado por Laurence Bardin (1997). A fim de delimitarmos o objeto de estudo, elegemos quatro poemas, a saber: *A mulher*, *Não sou poeta*, *Conselhos* e *Lira dormente*. Nesses poemas, depreendemos a análise temática sobre o desconforto sentido pela autora em relação às condições das mulheres inseridas em seu contexto sócio-histórico. Os resultados desta pesquisa apontam que os poemas analisados trazem em seus versos o protagonismo feminino e a representação da mulher na literatura de expressão piauiense. A autora se apropria do discurso poético a partir do seu lugar de atuação e da sua situação de produção com o propósito de construir uma identidade feminina com multifacetados papéis sociais.

Palavras-chave: A mulher na literatura. Construção da identidade. Vestígios memorialísticos

Abstract: This investigation presents a study about women in Piauí literature with the purpose of resignifying and rescuing the first literary manifestations in the scenario of Piauí-expressed literature, emphasizing the poetic production of Luiza Amália de Queiroz. For this, the work *Flores Incultas* (1875)

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA(2022), graduada em letras pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2021). Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEDADEC) e do Laboratório de Estudos do Imaginário (LEI) e Bolsista FAPEMA-UEMA. E-mail: ss966726@gmail.com

² Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2008), Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (2012) e Licenciado em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (1998). Professor Associado II do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UEMA), da Universidade Estadual do Maranhão. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras-UEMA), da Universidade Estadual do Maranhão. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEDADEC) e. Líder do LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário).E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

was chosen, focusing on the construction of women's identity, submitted to the restricted context of the 19th century. As for the methodology, this research is bibliographical with a qualitative-interpretative nature, aiming at the possibility of building meanings through the interpretation of the analyzed poems. This qualitative study is based on content analysis, an empirical technique of data analysis, a method presented by Laurence Bardin (1997). In order to delimit the object of study, we chose four poems, namely: *The Woman, I'm not poet, Advices* and *Dormant Lire*. In these poems, we infer the thematic analysis on the discomfort felt by the author in relation to the conditions of women inserted in their socio-historical context. The results of this research indicate that the poems analyzed bring in their verses the female protagonism and the representation of women in the literature of Piauí expression. The author appropriates the poetic discourse from her place of action and her production situation with the purpose of building a female identity with multifaceted social roles.

Keywords: The woman in literature. Identity construction. memorialistic vestiges

Prolegômenos

Luiza Amélia de Queiroz, laureada como a princesa da poesia romântica no Piauí, foi pioneira ao ter conquistado um importante espaço na atuação feminina no que diz respeito aos domínios relacionados à escrita e à publicação em periódicos em meados do século XIX, na província do Piauí e em outros estados. Natural de Piracuruca, nascida em 26 de dezembro de 1838, foi uma das notáveis do seu gênero na produção literária, ocupou a cadeira 28 na Academia Piauiense de Letras (APL), além de ser patrona da cadeira 24 da Academia Paraibana de Letras (APAL). A autora de *Flores Incultas* (1875) também publicou *Georgiana ou os efeitos do amor* (1893), além das suas poesias avulsas publicadas em jornais ou periódicos que juntas somam um grosso volume.

Queiroz foi pioneira ao dedicar-se às publicações na província do Piauí, ao ter escapado dos pressupostos estabelecidos ao seu gênero, foi uma mulher de postura transgressora, mesmo estando inserida na esfera doméstica. Ainda que tenha recebido uma educação rudimentar, não passando do ensino das primeiras letras, não deixou de produzir poesias. Nessa perspectiva, foi autodidata, teve contato desde muito cedo com obras literárias e educou-se através delas.

A esse respeito, buscamos adentrar tanto no contexto sócio-histórico quanto na produção poética da autora, para entendermos o modelo educacional reservado às mulheres da época de Queiroz, já que essas não tinham acesso às mesmas condições de instrução que tinham os homens. Por muito tempo os discursos femininos foram suprimidos, levando em consideração que a participação da mulher na história e na cultura foi sempre à margem.

Metodologicamente, fez-se necessário eleger os poemas de acordo com a temática, visto que a coletânea, *Flores Incultas*, contém poemas com temas variados

desde aqueles dedicados a membros da família da autora até aqueles que trazem características bucólicas, sentimentais, religiosas, nacionalistas entre outros, por isso, para essa análise pretende-se vislumbrar as temáticas presentes nos seguintes poemas: *A mulher, Não sou poeta, Conselhos e Lira dormente*.

Nesses poemas, destacamos a análise temática sobre o desconforto sentido pela autora em relação às condições das mulheres. Diante disso, o principal tema trazido à tona é o profundo incômodo que a autora manifesta em relação às condições de submissão que eram impostas às mulheres na sua época. Observamos isso no nome escolhido para o livro, haja vista que as mulheres eram consideradas belas e delicadas como flores, mas incultas pela falta de acesso à instrução.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa-interpretativa que se debruça sobre a perspectiva da construção da identidade do sujeito na escrita poética da autora. Nesse sentido, ela construiu uma identidade social que partiu da sua subjetividade, isto é, do resultado das suas vivências e experiências, que demasiadamente foram transferidas à sua escrita. Vale ressaltar que o livro supracitado tem as dimensões de um diário poético, lugar em que Queiroz depositou as suas confissões e anseios.

Assim, esse trabalho se divide em três seções: na primeira, discorreremos sobre o pioneirismo de Queiroz no mundo das letras, fazendo um contraponto com a educação feminina em meados do século XIX. Para tanto, baseamos nossas análises nos estudos sobre a crítica do que foi ser uma mulher escritora mediante o discurso androcêntrico³ vigente, fomentado pelos rígidos pilares patriarcais. Nesse ínterim, percebeu-se que a escrita da poetisa piauiense antecipa denúncias de cunho feminista, haja vista que ela dialoga criticamente sobre as condições reservadas às mulheres escritoras da sua época.

Na segunda seção, dialogaremos sobre os temas da identidade e da memória na perspectiva Queirosiana, seja pela identidade construída sob um viés social, seja pelo individual no qual ela manifesta a escrita de si, fazendo da sua obra um depósito das suas confissões. No tocante à memória, pretende-se adentrar nos vestígios coletivos-sociais e individuais-subjetivos deixados pela autora ao longo da sua trajetória e suas publicações, sendo esses responsáveis por escrever o seu nome na história.

³ Esse termo foi criado pelo sociólogo Americano Lester F. Ward (ano) e está ligado a ideia de patriarcalismo que é muito utilizado para denominar o masculino como modelo de representatividade social.

Na terceira seção, intitulada *O poeta da mulher transgressora: da submissão à liberdade criadora*, faremos a análise dos poemas escolhidos: *A mulher, Não sou poeta, Conselhos e Lira dormente*. Metodologicamente, daremos enfoque ao método de Laurence Badin (1997), a rigor, o autor discute na sua teoria sobre a análise de conteúdo, técnica empregada na investigação de dados da pesquisa qualitativa. Diante disso, pretende-se analisar os poemas supracitados levando em consideração essa base metodológica.

O pioneirismo da poetisa Piauiense no mundo das letras

Laureada como a princesa da poesia romântica no Piauí, Queiroz, foi pioneira na escrita e publicação tanto em livros quanto em periódicos, por esses e outros fatores abriu um caminho sem precedentes às do seu gênero. Para ela a escrita significava muito mais que um passatempo, suas palavras poéticas transpareciam a escrita de si, isto é, dos seus anseios mais íntimos, do que afligia o seu âmago e principalmente do que impedia a sua lira de versejar. Dito isso, embora a poetisa estivesse submetida a um restrito contexto social e cultural, sua escrita antecipa denúncias de cunho feminista, em alguns versos do poema “*A mulher*” isso é perceptível:

A mulher que toma a pena
Para lira a transformar,
É, para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude
A mulher deve ser rude
Ignara por condição!
Não deve aspirar a glória!
Nem um dia na história
Fulgurar com distinção! (QUEIROZ, 2015, p. 60)

No poema exposto, há a problematização do lugar de produção poética reservado à mulher, pois aquelas que manifestaram o seu discurso eram consideradas desvirtuosas, como a autora coloca, “os falsos sectários” as condenavam por ter a lira na mão, nesse sentido ela defende o intelectualismo feminino, a mulher como agente de transformação do seu espaço de atuação. Pode-se perceber através da escrita que existia a forte presença de um discurso androcêntrico enraizado nas bases morais da sociedade do século XIX, onde a virtude da mulher estava eminentemente ligada à submissão aos deveres e responsabilidades do lar.

As obras da poetisa alcançaram um certo prestígio no meio intelectual, sendo avaliadas criticamente por renomados escritores e jornalistas da época como Dias Carneiro, Herculano de Moraes e Clodoaldo de Freitas. Freitas, em seu livro *Vultos Piauienses: Apontamentos Bibliográficos* (2012), elogia a escritora pela sua genialidade e audácia, considerado o seu poetar expressivo, mas ao mesmo tempo tece uma crítica misógina às mulheres como aquelas entregues às prendas e aos fetichismos da feminilidade, destituídas do intelectualismo e, portanto, incapazes de produzir um manuscrito qualquer. Para Freitas (2012, p. 91):

É raro, entre nós, vermos um nome feminino subscrevendo um livro qualquer. A mulher Piauiense ainda vive entregue ao fetichismo romano, segregado do movimento augusto, que impede todas as inteligências em busca da ciência e da verdade. A primeira Piauiense, porém, que se desviou da vulgaridade do seu sexo, exibindo um suculento atestado da sua proeminência intelectual foi a ilustre senhora que motiva este desprezioso estudo.

Conforme as concepções de Freitas (*Ibidem* p. 95), “as *flores incultas* não são criações seladas pela originalidade nem encerram belezas próprias dos grandes artistas imortais”, para ele, Queiroz não teria produzido uma obra consagrada pela originalidade, seria o mero expressionismo e espontaneidade da sua alma em êxtase.

No tocante à produção intelectual no século XIX, vale salientar que a escrita de Queiroz representou uma contribuição enriquecedora à cultura literária piauiense produzida pelo gênero feminino, haja vista que a maioria dos escritores registrados no mundo das letras era homens, por isso Amélia de Queiroz inscreveu-se na história da literatura piauiense como a primeira mulher a produzir poesias na província, ganhado destaque no cenário da literatura nacional.

Diante disso, Luiza Amélia de Queiroz construiu o seu discurso poético sobre as bases da sociedade e dos valores do seu tempo, indo contra os pressupostos morais patriarcalistas e respaldando-se nos ideais de liberdade de expressão, manifestação literária feminina e instrução do seu gênero; sua obra foi primordial à literatura de expressão piauiense produzida pelo público feminino.

Sobre a vida e obra da autora de *Flores incultas*, ela foi uma mulher instruída de classe média alta, “não teve filhos e casou-se duas vezes, a primeira em 1859 com Pedro José Nunes, a segunda com o comerciante Benedito Rodrigues Medeiros Brandão, em 1888” (FREITAS, 2012, p. 92). A ilustre poetisa teve a sua prática literária

consolidada no espaço doméstico, ela nasceu e cresceu no gineceu⁴ do lar mulher com todo o conforto proporcionado pela abundância. Segundo Freitas (2012, p. 93) “a morte acolheu-a em 12 de novembro de 1898”, no entanto, deixou o seu legado no mundo das letras manifesto em um lirismo encantador e revolucionário.

Identidade e memória na perspectiva Queirosiana

Segundo as concepções de Woodward et al (2006) “a identidade é construída por um sujeito à medida em que ele, deliberadamente, passa a integrar um espaço, produzindo, assim, um discurso com suas concepções e valores subjetivos”. Nessa perspectiva, trabalhamos o conceito de identidade construído sob um viés cultural socialmente estabelecido, visto não só como um processo contínuo e relacional entre interlocutores, mas também como um elemento multifacetado.

A identidade feminina, no discurso de Queiroz, é construída à medida que ela desempenha um papel social dentro da sociedade que pertenceu. A noção de pertencimento num determinado ambiente social consiste em, tacitamente, fazer parte de uma determinada cultura e espaço, nesse sentido o espaço é resultado da maneira como o indivíduo toma suas decisões e apropria-se da palavra para agir.

Destacando-se das demais mulheres, Queiroz, não se conformar com o lugar secundário reservado ao seu gênero em seu tempo. Seu discurso apresenta uma multiplicidade de sentidos, discutindo temas que trazem à tona a voz ativa ao reivindicar a igualdade intelectual entre homens e mulheres, marcando um posicionamento onde a mulher questiona o seu lugar de atuação.

Sobre a compreensão de identidade construída por um sujeito feminino, Caixeta e Barbato (2004, p. 7) argumentam que “é uma multiplicidade dinâmica de papéis sociais que exige recuperar a história e os diversos contextos que possibilitaram essa construção da mulher através do tempo”, ou seja, o conceito de mulher, assim como a sua identidade subjetiva, é construído através da história ganhando outras configurações a depender do contexto.

Este discurso dotado de identidade é perpassado pela esfera subjetiva do eu da autora, possibilitando compreender que a identidade pode ser vista sob o viés pessoal, apresentado pelas ideias e funções do indivíduo, mas também pode ser

⁴ A palavra gineceu significa, na antiguidade grega, um aposento reservado às mulheres ou também pode denominar os órgãos femininos de uma flor, no entanto, essa palavra é usada para indicar que a poetisa vivia reclusa no espaço do lar.

coletiva desenvolvida dentro de processos sociais, onde o sistema de identificação acontece, pois, a posição que assumimos em um discurso constitui a nossa identidade.

Na teoria social, a identidade cultural deve ser compreendida como um elemento mutável e instável, essencialmente como um ponto de encontro entre o discurso e suas práticas de significação, relacionando-se entre o eu subjetivo e a sociedade que o rodeia. Segundo as concepções de Hall (2006, p. 11-12)

Projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribuindo para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

O conceito de identidade é complexo e transitório, visto sob um prisma de construção realizada pelos sujeitos, a identidade é, assim, uma “*celebração móvel*” (HALL, 2006, p. 13), definida historicamente pelas relações sociais possíveis entre o sujeito e o meio no qual ele está inserido. Na discussão sobre a identidade, Hall (*Ibidem*, p. 13) coloca o seguinte: “a identidade torna-se uma “*celebração móvel*” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Esses sistemas culturais são interpelados pelo coletivo e o individual, lugar em que a memória se apresenta, segundo Silva (2015, p. 50) “a memória é uma parte íntegra e essencial da identidade, individual ou coletiva, que se apresenta como uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”. A escrita feminina se articula por meio das narrativas memorialísticas, recuperando as experiências vivenciadas, como afirma Castelo Branco (1991, p. 32) “a recomposição de uma imagem passada, mas também enquanto própria lacuna, enquanto perda, rasura e recomposição da imagem”.

Castelo Branco (1991) aponta que a memória se divide em duas modalidades a “tradicional e a desmemória”, a primeira funciona como um tipo de resgate do passado, a segunda diz respeito ao esquecimento de algo que foi vivenciado antes, diante do exposto a segunda modalidade é a que mais se articula com a escrita feminina, “a escrita feminina consiste exatamente nesse discurso construído a partir da perda (como todo discurso aliás), mas que não nega a perda, antes o exhibe, fazendo dele o seu objeto, sua matéria” (CASTELO BRANCO, 1991, p. 37)

Além da memória tradicional e a desmemória, ela também pode ser coletiva e social, mas também pode ser individual intrínseca ao sujeito. A memória é mutável, construída a partir das vivências de uma pessoa ou uma sociedade, assim como a identidade também pode ser mutável e transitória, conforme Pollak (1992, p. 5) “em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos dizer que também há uma ligação fenomenológica muito estreita com a entre a memória e o sentido de identidade”.

As relações pessoais e sociais são determinantes para a construção da identidade nos poemas da autora, nesses podemos evidenciar a condição da mulher escritora do século XIX, inserida em um contexto em que o patriarcalismo atuava, no entanto, ela se mostra transgressora, pois ao não se conformar os estreitos horizontes que eram impostos, ela se coloca numa posição reivindicadora.

A palavra poética reflete a escrita de si e a experiência social de um povo, concebemos os poemas como um produto social fruto da história de um povo, é no ato de criação do poema que o escritor coloca a sua subjetividade, além de inserir a história e as vivências de sua época para que o leitor possa experienciar isso por meio da palavra poética, Assim, Paz (2002, p. 228) aponta que:

A história é lugar de encarnação da palavra poética, podemos concluir que o poema é histórico de duas maneiras: a primeira como produto social, a segunda como criação que transcende o histórico, mas que para ser efetivo precisa se encarnar de novo na história e se repetir entre os homens.

A palavra poética é histórica, nela o autor retrata a sua vivência pessoal e social, assim como fez Luiza Amélia de Queiroz, por sua vez ela foi uma mulher letrada e pertencente a uma classe social elevada no século XIX, o que a fez ter contato desde muito cedo com obras literárias; para ela, a poesia significava a escrita de si, dos seus anseios mais íntimos, do que afligia o seu âmago e, principalmente, do que impedia a sua lira de versejar. Sua atitude é transgressora ao fazer da poesia um instrumento de denúncia e reivindicação de direitos sobre a emancipação da mulher.

A sociedade em que viveu Luiza Amélia de Queiroz serviu de pano de fundo para a escrita de *Flores incultas*, pois havia a forte presença de um discurso androcêntrico enraizado nas bases morais da sociedade do século XIX, onde a virtude da mulher estava eminentemente ligada à submissão aos deveres e

responsabilidades do lar. Papéis sociais eram estabelecidos entre os gêneros, segundo Bourdieu (2002, p. 41)

As divisões construtivas da ordem social e, mais precisamente, as relações de dominação e de exploração que estão instruídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de hábito diferentes, sob a forma de hexis corporais oposto e complementares e de princípios de visão e divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.

A posição entre os gêneros ocorria por meio da esfera pública e privada, existia uma posição demarcada entre esses dois itens supracitados, de maneira análoga aos dois lados de uma moeda: de um lado, o poder inesgotável e culturalmente reconhecido do homem na esfera pública; do outro, a mulher reservada à esfera privada do lar, submetida aos valores morais patriarcais, muitas vezes considerada inferior e socialmente incapaz de participar da produção intelectual. A discussão sobre a inferioridade intelectual da mulher reforçou ainda mais a sua exclusão na escrita literária, conforme Zianni e Polesso (2010, p. 108), “o que acontece é que ignoradas por tanto tempo ou recebendo um papel secundário no plano cultural, firmou-se a ideia de que as mulheres não tinham produções intelectuais de qualidade”. A observação desse fenômeno se dá pelo fato de que as mulheres ficaram excluídas por muito tempo do cânone literário.

O discurso feminino foi obscurecido pelo discurso masculino dominante na história, cultura e literatura, deixando de lado o desenvolvimento de uma consciência feminina coletiva voltada para o passado das mulheres, suas lutas e suas produções intelectuais. Na literatura não seria diferente, já que a escrita feminina por muito tempo foi atrelada a questões culturais arbitrárias, haja vista que as produções masculinas possuem uma força cultural consolidada pela esfera pública, já a produção das mulheres não era bem vista em todos os setores sociais. Nesse contexto, existia uma posição entre o privado e o público entre os gêneros, conforme destacam Ferreira e Nascimento *et al* (2002, p. 101) “A relação homem-mulher caracteriza a oposição entre privado e público. Essa oposição não determina estereótipos culturais ou desigualdades no jogo da valorização e desvalorização dos sexos”.

Essa desvalorização dos sexos estava intrinsecamente relacionada aos estereótipos pré-estabelecidos socialmente, a relação de gênero era perpetuada pelo discurso dominante masculino que atuava na história e na cultura, criando uma

atmosfera permeada por um discurso misógino que estabelecia os lugares sociais aos quais homens e mulheres deveriam pertencer, isto é, uma desigualdade de direitos entre os sexos. Embora de maneira velada, Queiroz, apresenta um discurso transgressor capaz de criar imagens poéticas múltiplas de sentidos e sentimentalismo.

O poetar da mulher transgressora: Da submissão à liberdade criadora

A *priori* busca-se fazer uma análise temática da poética Queirosiana, com enfoque na análise de conteúdo. Nesse contexto, estabeleceu-se uma leitura dos poemas à luz das técnicas metodológicas discutida por Bardin (1997), tal método empírico respalda-se na interpretação que se pretende fazer do objeto analisado. No âmbito da análise conteúdo, surgem diferentes funções, a primeiras delas é a função heurística, nela “a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta” (BARDIN, 1997, p. 30), categoricamente, a prática só ocorre através das tentativas de sistematização do objeto de estudo, potencializando, assim, as possibilidades de descobertas científicas.

A outra denominada como *função de denominação da prova* constitui-se, essencialmente, de “hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias” (Ibidem, p. 30), nelas o pesquisador cria diretrizes para aplicar o método de análise. Nessas circunstâncias, na obra *Fores Incultas*, o material necessário para a análise foi pesquisado e eleito, fazendo recortes e formulando as hipóteses sobre o processo de criação da autora, bem como o ideário discutido ao longo dos poemas a serem examinados metodicamente sob um viés interpretativo.

A *posteriori* adotamos os procedimentos da descrição analítica, para assim sistematizar e descrever as especificidades do objeto averiguado, nesse sentido a análise de conteúdo é dotada de uma operação lógica denominada *inferência*, nos pressupostos de Bardin (1997, p. 38) “a intenção da análise de conteúdo é a *inferência* de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção)”, nesse contexto as condições de produção da obra analisada trazem à tona a intensificação de um discurso revolucionário para uma mulher do século XIX.

A análise de conteúdo permite o aprofundamento dos temas vislumbrados nos poemas, sejam eles, explícitos ou implícitos. A leitura aprofundada é um desvelar dos múltiplos sentidos visto sob as condições centrais do texto “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença, a frequência de aparições podem significar alguma coisa para o

objeto analítico escolhido” (Ibidem, p. 105), nesse aspecto as análises dos significados ligam-se intrinsecamente com a análise temática formulada a partir dos procedimentos adotados com a finalidade de buscar nos poemas os discursos da autora.

Nos discursos de Queiroz, existe um lugar social em que os enunciados são produzidos, pois a escrita poética da autora é propagada por meio de uma enunciação reivindicatória. No poema *Não sou poeta*, datado de 1872, ela discorre que não ambiciona o lugar dos poetas consagrados pelo cânone literário, ou seja, os consagrados poetas do sexo masculino, mas desejava produzir o seu próprio espaço de produção literária e passar a exalar o que a sua alma sentia, resultante das suas longas noites de insônia, assim como pode-se observar no trecho a seguir:

Não sou poeta! Que ambição tão louca
Nunca me veio perpassar à mente,
Só o que quero, o que exalar procuro,
São os efeitos que minh'alma sente.

São esses cismar das insônias minhas,
Das longas noites que velando eu passo;
Quando minh' alma's estremece em dores
E a fronte exausta eu reclino ao braço.

São esses sonhos, que outr'ora eu tive
Doces arroubos d'uma infantil creança,
Mimosa flores que colhi sorrindo,
Hoje murchadas n'uma dor imensa!

São os sorrisos da primeira idade.
Da quadra linda! da mimosa infância!
São os perfumes tropicais das flores
Que à primavera eu sorvi com ânsia.

São esses ternos d'harmonia infinda
Que a noite escuto no voar da brisa!
São os perfumes que nos ares bebo
Quando minh'alma de cantar precisa!

Não sou poeta, ainda assim não posso
Na lira afoita modular um canto,
Nele só gemo meus suspiros da alma,
Como voz cortada pelo amargo pranto.

E tu, ó mundo que sorrindo escutas
Estes segredos do sentir sombrio,
Por Deus, consente que s' escapem livres,
Não os sufoques com teu rir ímpio.

Embora eu sinta, quando a dor palpita,
Mórbida a fronte sobre a mão pender-me,
sem um suspiro que o pesar revele
Silente a mágoa ao cismar render-me.

E quando a tarde melancólica expira

Sinto os eflúvios d'essa mágica hora;
Da bela noite que sombria desce
Certa tristura que minh'alma adora.

Por noite estivera ao relento exposta
Fitando a Lua-qual visão d'amores-
Seus doces raios se m'embebem n'alma
Calando as queixas que descerram dores.

Então eu sinto que em supremo enlevo
Esqueço o mundo com seu caos medonho,
E a essa altura que chegar não posso
Eu me transporto no suave sonho

Não sou poeta, ainda assim não posso
Na lira afoita modular um canto,
Nele só gemo meus suspiros da alma,
Como voz cortada pelo amargo pranto.

E tu, ó mundo que sorrindo escutas
Estes segredos do sentir sombrio,
Por Deus, consente que s' escapem livres,
Não os sufoques com teu rir ímpio.
(QUEIROZ, 2015, p. 15)

Queiroz revela em sua poesia a inquietude de uma alma em êxtase, procurando exalar o sentimentalismo audaz que se expande. Muito embora a autora afirme, ironicamente, que não é poeta, a sua pretensão é de fato ser uma poetisa e deixar exalar, livremente, os efeitos que sua alma é capaz de manifestar através da poesia. Vale ressaltar que esse poema, assim como outros de mesma temática, é resultante da inquietação dos seus pensamentos e da condição de mulher marginalizada de uma sociedade com moldes patriarcais. Luiza Amélia de Queiroz alcançou destaque entre o público da época, por esse motivo foi alvo de muitas críticas, fazendo com que no poema *Conselhos*, datado de 1871, oriente outras donzelas solteiras e mulheres casadas da sua época a não trilharem os mesmos passos que ela:

Não me julgues feliz, ó donzela,
Não me inveje querendo imitar;
D'esta vida que julgas tão bela,
Deus te livre das dores provar

De que serve a mulher nessa terra
Ter a mente sublime ideal?
P'ra sofrer de mil néscios a guerra
Crua guerra, tremenda e fatal?

Oh! Aqui não se acata a virtude
Se – no gênio – na frente transluzir!
Tem incensos aqui quem é rude,
Quem não vaga no mundo da luz!

O mal-estar dela, manifestado em seu poema, esclarece-nos sobre as dificuldades que ela enfrenta na produção de um lirismo que busca a emancipação da mulher na sociedade e na literatura. Nesse poema, diante da dificuldade de se alcançar essa emancipação, ela recomenda ficar no “ócio ditoso”, pois ele é mais confortável do que ter uma “mente sublime ideal” que manifesta ideias revolucionárias.

A expressão poética de Queiroz carrega certo pessimismo ao atribuir, segundo a sua concepção, uma “guerra cruel”, que causa dor e descontentamento, à alma feminina por transgredir os horizontes que lhes são impostos. Além disso, os versos “têm incensos aqui quem é rude /Quem não vaga no mundo da luz!” denunciam que a mulher provida de luz, ligada ao intelectualismo, é menos valorizada do que as que escolhem aceitar a sua condição de mulher tradicional.

No poema *Conselhos*, Queiroz dá ênfase ao intelectualismo feminino, considerado inaceitável às mulheres recatadas que viviam no gineceu do lar; as que resolviam enunciar um discurso seja ele poético ou político em prol da liberdade de expressão da mulher eram consideradas indecentes e criticadas, por isso a escritora aconselhava outras damas a não seguir a carreira de escritora, justamente pelo fato de que elas passariam por reprovações e empecilhos. Outro poema da autora que traz um certo pessimismo sobre o fato de a mulher ser criticada por modular a lira é intitulado como “Lira dormente”, datado de 1873.

Deixa a lira esquecida dormente
No seu languer torpor
Não a despertais...bendito o sono
Que nos acalma a dor!
Bendito o sono que ao esp'rito enfermo
traz calma, alívio traz
Refrigério aos membros fatigados,
E a alma volte a paz!

Viera tarde a dormência,
Inda assim à providência
Agradeço sem cessar;
Que se ela não fosse,
N'esse lidar agro-doce
Talvez me fosse findar!

É tão bela a poesia,
Tem tal poder, tal magia,
Que me fascina e seduz!
Mas eu não posso fitá-la,
Sou mulher devo evitá-la,
Os olhos voltar a luz!...

Nesse trecho do poema, podemos evidenciar o esquecimento da lira que canta poesia, uma vez silenciada ela não pode ser despertada do seu sono, nesse sentido podemos aplicar ao fazer poético de Queiroz ao ato de silenciar. O fio condutor do silêncio na poesia de Queiroz é a censura sofrida pela poetisa ao declarar-se escritora. Na estrofe terceira, ela revela o motivo pelo qual a lira deve ficar inerte em suas mãos, pois argumenta que mesmo bela a poesia e tendo um poder imensurável de seduzir e fascinar, ela é “mulher”, portanto, o contato com a lira deve ser evitado.

Partimos do pressuposto de que a escritora, ao cantar versos, tinha consciência que seu canto seria criticado, mas também seria ouvido, não um canto qualquer, mas um canto que exala da sua alma carregado de subjetividade e capaz de produzir sentidos. O desejo de Queiroz, conforme essa composição poética, não é alterar as leis estabelecidas ao seu gênero, mas sim provocar um certo desconforto aos modelos sociais vigentes, colocando a mulher como aquela que deveria ter a liberdade de escrever e publicar os seus textos.

Considerações finais

Este trabalho apresentou uma discussão sobre a construção da identidade e os vestígios da memória deixados na poesia Queirosiana, nesse sentido a princesa da poesia romântica no Piauí, transparece através da sua escrita toda a sua insatisfação.

A poética de Queiroz foi construída através das suas vivências e experiências em meio a uma sociedade patriarcal do século XIX. Os poemas elegidos entre a coletânea de poemas românticos, em *Flores Incultas*, evidenciam-nos um eu-lírico que enuncia suas emoções e anseios, dando vazão à inquietude que impedia a lira de Amélia de Queiroz de versejar.

Nesse contexto, sua poesia tem as dimensões de denúncias sociais sobre a condição subserviente reservada às mulheres de sua época, já que essas não tinham a possibilidade de almejar o ensino superior, pelo contrário, eram educadas para serem boas esposas e boas mães, sem sair do gineceu do lar. Diante do exposto, é possível apontar que o discurso da autora faz uma crítica contundente ao modelo social patriarcal, discorrendo poeticamente que as mulheres deveriam ocupar espaços sociais e ganhar reconhecimento pela sua produção.

Nessa perspectiva, os resultados desta pesquisa apontam que os poemas aqui analisados trazem em seus versos o protagonismo feminino e a representação da

mulher na literatura de expressão Piauiense. A autora se apropria do discurso poético a partir do seu lugar de atuação e da sua situação de produção com o propósito de construir uma identidade feminina com multifacetados papéis sociais.

Dessa forma, ela questiona os lugares ocupados pelas mulheres de sua época, reivindicando para elas o direito de participação social na escrita literária e de acesso à instrução escolar, influenciando a época em que viveu e ecoando o seu discurso de forma atemporal.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1997

BOURDIEU, Pierre. *Permanências e mudanças*. In: A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. Identidade Feminina: Um conceito complexo. *Paideia*: Ribeirão Preto, V. 14, n 28.

CASTELO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. NEIM-UFBA: Salvador, 2002

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: Apontamentos bibliográficos*. 3 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, EDUPI, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). 9 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002

QUEIROZ, Luiza Amélia. *Flores Incultas*. Teresina Queiroz (Org). Academia Piauiense de Letras: ADUUFPI, 2015 (Coleção centenário)

QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí: 1880-1930*. 2 ed. Teresina: Academia piauiense de Letras, 2017.

SILVA, Rafaela Cardoso. *A poética de Luíza Amélia de Queiroz: Rastros da memória*. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI: Teresina, 2015.



ZINANI, Cecil Jeanine; POLESSO, Natalia Borges. *Da margem: A mulher escritora e a história da literatura. Revista MÉTIS: História & Cultura. V. 9, n 18, p.99-112, jul/dez, 2010.*